



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB.
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC II.
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA.
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

JULIANA ROBERTA DE ANDRADE MAIA

**ANÁLISE COMPARATIVA DOS CONTOS: *A INTRUSA*, DE JORGE
LUIS BORGES E *A CARTOMANTE*, DE MACHADO DE ASSIS.**

CAMPINA GRANDE - PB

Dezembro / 2011

JULIANA ROBERTA DE ANDRADE MAIA

**ANÁLISE COMPARATIVA DOS CONTOS: *A INTRUSA*, DE JORGE
LUIS BORGES E *A CARTOMANTE*, DE MACHADO DE ASSIS.**

Artigo Científico apresentado ao Departamento de Letras e Artes do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências do curso para recebimento do título de Licenciado Plena em Letras, sob a orientação do Prof. Rafael Francisco Braz.

Campina Grande - PB

Dezembro de 2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

M217a Maia, Juliana Roberta de Andrade.
 Análise comparativa dos contos [manuscrito]: a intrusa
 de Jorge Luis Borges e a cartomante, de Machado de Assis.
 / Juliana Roberta de Andrade Maia. – 2011.
 37 f.: il.

 Digitado.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
 e Artes com Habilitação em Espanhol) – Universidade
 Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.
 “Orientação: Prof. Esp. Rafael Francisco Braz”.

 1. Lingüística. 2. Contos. 3. Análise comparativa. I.
 Título. II Assis, Machado III Borges, Jorge Luis.

21. ed. CDD 410

JULIANA ROBERTA DE ANDRADE MAIA

A monografia intitulada "Análise comparativa dos contos: *a intrusa*, de Jorge Luis Borges e *a cartomante*, de Machado de Assis." foi defendida perante a banca examinadora composta pelos professores:

Data da aprovação 09 de dezembro de 2011

Rafael Francisco Braz Nota: 9,0
Prof. Rafael Francisco Braz.
Orientador

Marinalva Freire da Silva Nota: 9,0
Profª. Dra. Marinalva Freire da Silva
1ª Examinadora

Enéida Maria Gurgel de Araújo Nota: 9,0
Profª Ms. Maria Enéida Gurgel de Araújo
2ª Examinadora

Média 9,0

Campina Grande - PB

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de aproveitar este espaço para mostrar meu mais profundo agradecimento, em primeiro lugar, a Deus, que me concedeu paz, empenho e dedicação que todo estudo exige; a minha mãe, a qual me apoiou e concedeu a oportunidade de concretizar um sonho; a todos os meus familiares, em especial meu esposo e filha que participaram diretamente para essa conquista;

aos amigos que fiz durante a minha trajetória universitária e também;

aos amigos já existentes em minha vida;

aos meus professores que foram pessoas fundamentais para o meu desempenho como profissional e como pessoa;

ao meu querido Orientador que foi peça fundamental para a realização deste trabalho;

por fim, agradeço a todos e a mim mesma por ter conquistado a essência, pois a universidade me proporcionou algo além do que era previsto; o meu “pra sempre” obrigada.

DEDICATÓRIA

Dedico a minha vó Elza e a toda minha família que me apoiaram nesse período difícil e especial que foi o período universitário.

“Quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras”.

Ítalo Calvino

RESUMO

Nosso artigo tem como base comparativa dois contos *A Intrusa*, de Jorge Luis Borges e *A Cartomante*, de Machado de Assis, os quais a história é desenvolvida em torno de três personagens que se articulam em cada conto, e tendo como tema principal um triângulo amoroso, além de apresentar semelhanças entre si, portanto, este artigo tem como objetivo fazer uma análise comparativa, visto que Os contos são apresentados à sociedade por volta das décadas de 70 e 80 e apesar de não se tratar de temas novos no campo da literatura, ainda causam impactos fortes nos leitores, pois as mulheres são apresentadas na sociedade patriarcal com diferenças e atitudes que vão contra as sociedades que os autores tentam criticar ou ironizar com temas tabus. Para tanto, nossa fundamentação teórica baseia-se em Carvalhal (1986), Capendelli (1995), Cortazar (1974) e Gomes (2011). A análise nos mostrou que a traição que é ocasionada pelo triângulo amoroso que envolve os personagens Cristiano, Eduardo e Juliana em *A Intrusa* e Vilela, Camilo e Rita, em *A Cartomante*, sendo assim esse caso de amor é o ponto central dessas narrativas, o que consideramos como o causado dos conflitos existentes nas obras.

Palavras-chave: Contos; comparação; triângulo; mulher; amor.

Análise comparativa dos Contos “A Intrusa” de Jorge Luis Borges e “A Cartomante”, de Machado de Assis.

MAIA, Juliana Roberta de Andrade

1 Palavras Iniciais

Nosso trabalho é realizado através dos estudos dos contos *A Cartomante*, de Machado de Assis e *A Intrusa*, de Jorge Luis Borges. Vamos fazer um estudo comparativo entre esses contos, levando em consideração as inúmeras relações de semelhanças presentes em ambas narrativas. Os contos são apresentados à sociedade por volta das décadas de 70 e 80 e apesar de não se tratar de temas novos no campo da literatura, ainda causam impactos fortes nos leitores, pois as mulheres são apresentadas na sociedade patriarcal com diferenças e atitudes que vão contra as sociedades que os autores tentam criticar ou ironizar com temas tabus.

No conto de Machado de Assis, *A cartomante*, Rita se liberta em seus prazeres e se nutre de amor por Camilo que é amigo de seu esposo, motivados pela paixão que os nutrem a cada dia os dois se encontram sempre às escondidas, mesmo sabendo que estavam errados. “*A casa do encontro era na Antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita*” (ASSIS, 2002, p.2). A personagem a cartomante, na história tem um papel importante sendo o título do conto, já que a cartomante se faz presente no texto incentivando os personagens a agir de determinada maneira, além de indiretamente exercer um papel de quarta personagem na história.

No conto de Borges *A Intrusa*, Juliana se envolve com o irmão de seu companheiro, formando assim um triângulo, embora sua preferência seja o mais novo, “*A Mulher atendia aos dois como uma submissão animal; mas não podia esconder uma certa preferência pelo mais moço, que não havia recusado a participação, mas também não dispusera*”(BORGES,1976. P.13). *A Intrusa* como título também é bem empregado, uma vez

que a mulher entra na vida de dois irmãos como uma verdadeira intrusa. As mulheres nos contos apresentados são as causadoras do descontrole dos homens que perdem o equilíbrio, uma vez que ver o controle fugir de suas mãos, “*Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado*”, (ASSIS, 2002. P.5), dessa forma percebe que Vilela já começa a mudar seu comportamento, a partir do momento que passa a desconfiar de uma traição. Em *A Intrusa*, também, é notado esse fator no comportamento dos homens, quando depois de algum tempo dividindo a mesma mulher os irmãos Nilsen se sentem incomodados com tal situação, de acordo com o texto o narrador nos informa, “*Sem que soubesse, estavam com ciúmes um do outro*” (BORGES, 1976. P.13), ou seja, a mulher era a causadora do descontrole entre os irmãos.

Nosso Artigo está dividido em tópicos, onde no primeiro momento é trabalhada a questão da literatura comparada e como a mesma se desenvolve em nosso trabalho, no segundo momento, analisamos a questão da violência feminina o que é notada dentro dos contos, no terceiro momento a apresentação de um quadro comparativo com o objetivo de levantar questões semelhantes existentes nas obras, assim como em um quarto momento tratar do gênero literário conto, chegando dessa forma a conclusão de nosso estudo, apresentando em seguida nossas fontes de pesquisas. Dessa forma nosso artigo está composto de informações necessárias, apresentando aspectos que fundamentam o texto, deixando o leitor informado sobre todos os pontos, através de dados sobre a origem, características e citações. Tudo é abordado com base em um estudo sobre todos os temas, enfatizando sempre a temática da comparação.

2 Breve relato da história da Literatura Comparada

Literatura comparada é o ramo da teoria Literária que estuda, através de comparação, a literatura de dois ou mais grupos linguísticos, culturais ou nacionais, ou seja, ela designa uma maneira de investigação que irá estabelecer um confronto entre duas ou mais obras, podendo analisar aspectos semelhantes, como também diferentes que segundo Carvalhal (1986, p. 6-7) “*A comparação não é um método específico, mas um procedimento mental que favorece a generalização ou a diferenciação.*” (...) “*O seu emprego sistemático é que caracterizará a literatura comparada*”.

O trabalho comparativo se realiza sobre a base do descobrimento das estruturas supranacionais que se apresentam em diversas obras, como os gêneros, aspectos linguísticos e culturais. São investigações feitas com bastantes variações, que adotam diferentes metodologias, e apresentam diversos objetos de estudos. Carvalhal (1986, p. 6) afirma que “*A Literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe*”. É importante ressaltar que literatura comparada não pode ser entendida apenas como sinônimo de comparação, pois a comparação é um método que o autor ao redigir seu texto literário escolhe se será empregado como recurso preferencial no estudo, e dessa forma, será realizada uma análise tomando ares de método comparativo, mas é bem verdade que uma comparação pode ser feita de maneira involuntária, isso ocorre quando um indivíduo ler duas ou mais obras e detecta dentro delas semelhanças, o que levará o mesmo a refletir e decidir investigá-las, utilizando a metodologia necessária para esse tipo de procedimento, através de um estudo sistemático, em nosso caso, a escolha dos contos se deu por os mesmos apresentarem semelhança em sua temática e ter como plano de fundo a temática do triângulo amoroso.

O termo Literatura comparada teve seu surgimento no século XIX, apesar do termo “comparado”, derivado do latim *Comparavitus*, já ter sido empregado na idade Média, mas é sem dúvida no século XIX que a difusão do termo se dar. Embora, empregada amplamente na Europa, é na França que a expressão Literatura Comparada irá se firmar, pois ali o termo será bem aceito sem discussão desde seu aparecimento, com essa acepção, no *Dictionnaire Philosophique*, de Voltaire, além de ter sido na França que foi consagrada academicamente, onde tem sua primeira cátedra em Lyon, em 1887, seguida por Sorbonne, 1910. Mas apenas nos primeiros decênios do século XX, ela ganha estatura de disciplina reconhecida, tornando-se objeto de ensino regular nas grandes universidades europeias e norte-americanas e dotando-se de bibliografia específica e publico especializados.

Em nosso trabalho esse estilo literário será realizado através de estudos que nos apresentará características que desde o primeiro momento nos chama atenção e desperta o desejo de se fazer uma análise utilizando o método comparatista, já que apresentam ferramentas suficientes e adequadas para esse tipo de análise, e para que sejam bem compreendidas teremos como papel preponderante um estudo sistemático de ambas apontando as semelhanças encontradas dentro dos textos, trabalharemos através de um

levantamento minucioso em cima das duas obras levantando aspectos importantes que nos remete a uma aproximação dos fatos existentes.

Nas obras de Machado de Assis e de Jorge Luiz Borges, é notável a semelhança em primeiro ponto da Figura feminina, Juliana e Rita ambas bonitas que despertam paixão enlouquecedora nos personagens do conto, a primeira é a causadora dessa paixão em Cristiano e Eduardo ambos os irmãos, e a segunda em causa esse sentimento em Vilela e Camilo. Embora possuindo esse poder de sedução as mulheres são retratadas em uma posição inferior aos homens, pode-se entender nesse caso que a intenção dos autores é denunciar essa inferioridade feminina. Outro fator que demonstra aproximação dos contos é o triângulo amoroso, onde o objeto desejado é a mulher, emancipando dessa forma a figura feminina, o que desperta ira aos homens que se sentem atingidos por essa mudança, já que sempre o homem foi considerado o centro das atenções o que tem o poder de sedução.

É interessante analisar, também, a questão da crença presente nas obras, onde em *A Intrusa* teremos uma pequena passagem da bíblia, “Os dois haviam cedido à tentação de fazer trapaça. Caim andava por ali”, dessa forma essa citação nos remete a história de Caim e Abel, que é narrado no antigo testamento, a bíblia nos conta uma história sobre Caim e Abel, dois irmãos. Caim matou seu irmão, porque o sacrifício de Abel foi aceitável a Deus e o de Caim não foi. A morte de Abel apagou o seu nome e ele não teve mais participação na revelação do plano de Deus. Deus reservou o espaço na última parte de Gênesis 4 para dizer, com brevidade, o que ocorreu a Caim, e então a sua família é esquecida. Em *A cartomante*, a crença é representada pela cartomante onde é notada nessas palavras de Rita, “Ria, ria, Os homens não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era”. (ASSIS, 2002.p.1), sendo assim verificamos que nos contos apesar das crenças aparecerem de maneiras distintas, ela são enfatizadas pelos autores Machado e Borges. O desfecho dos contos é outro fator que apresenta aproximação dos fatos já que em ambos o fim é trágico. A intenção de Borges e Machado, também nos chama a atenção, quando nos remete ao pensamento de que o desejo deles é chamar a atenção daquela sociedade burguesa através de questões polêmicas e por fim, a forma de escrever o conto utilizado pelos dois autores sendo breves e objetivos.

3 Alguns aspectos do conto

O conto é um gênero literário que está ligado a transmissão oral dos fatos, no ato de contar histórias. Inicialmente os contos eram publicados nos jornais em meados do século XIX e não foi muito bem recebido em diversos países que tentaram implantá-lo, pois esse gênero não disponibilizava de tantos prestígios como o romance que estava em seu momento áureo da criação, além disso, o romance desenvolve-se no tempo da leitura sem limites de esgotamento, enquanto que o conto tem suas limitações. Em seu livro, *Várias Histórias*, publicado em 1986, Mancado de Assis nos informa que: “*O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias, é naturalmente a qualidade; mas há sempre uma qualidade nos contos que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos*”. (ASSIS, 2008, p. 19). O autor nos mostra que a importância está na unidade de impressão e do efeito da obra, com isso uma obra deve receber destaques por sua qualidade e não pela quantidade contida nela. O novo gênero literário tem seus vários representantes que trabalharam incansavelmente para a defesa do mesmo, e entre esses tantos destaca-se Júlio Cortázar(1974, p.149)que nos diz , “ *De qualquer modo , enquanto os críticos continuam acumulando teorias e mantendo exasperadas polêmicas acerca do romance, quase ninguém se interessa pela problemática do conto*”. O autor nos mostra de maneira clara a rejeição sofrida por parte dos contistas, que tanto se esforçavam para se impor no universo da literatura.

O novo gênero tem como características principais, a limitação, concisão, precisão, densidade, unidade de efeito e impressão total, pois o contista não tem como aliado o tempo, seu único recurso é trabalhar em profundidade, sendo direto e objetivo. Além disso, existe vários tipos de contos, o fantástico, realista, dramático ou humorístico, cada autor utiliza aquele que melhor será focado em seu trabalho.

Um contista sente a necessidade de escolher e limitar um acontecimento que seja significativo, que não só valha por si mesmo, mas também seja capaz de atuar no leitor como uma espécie de abertura, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contida no conto. (CORTÁZAR, 1974, p.152).

Sendo assim, ele é capaz de apaixonar o leitor desde as primeiras frases, e esse poder se dar pela dedicação dada pelos autores.

O tema é outro fator que é fundamental para concretização de um conto, sendo até considerado como a parte significativa da obra, já que é através dele que o autor irá escolher um acontecimento real ou fictício, pois só após a construção desse tema é que o desenvolvimento da história ocorre, tendo este a responsabilidade de desde já ser interessante

aos olhos do leitor, por isso a elaboração de um tema é algo que exige bastante concentração e emprego de técnicas para bem desenvolvê-lo.

Um bom tema atrai todo o sistema de relações conexas, coagula no autor, e mais tarde no leitor, uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias que lhe flutuavam virtualmente na memória ou na sensibilidade; um bom conto é como um sol, um astro em torno do qual gira um sistema planetário de que muitas vezes não se tinha consciência até que o contista, astrônomo de palavras, nos revela sua existência. (CORTÁZAR, 1974, p.154).

No entanto, a escolha de um tema não é algo muito fácil, às vezes o próprio contista escolhe, outras vezes ela se impõe de maneira que o contista analisa como algo irresistível “*O contista é um homem que de repente, rodeado pela imensa algaravia do mundo, comprometido em maior ou menor grau com a realidade histórica que o contém, escolhe um determinado tema e faz com ele um conto*”. (CORTAZAR, 1974, p.153 a 154).

Nosso estudo está centrado em dois contistas surpreendentes, Jorge Luis Borges e Machado de Assis, que colaboraram para difusão desse gênero criando obras espetaculares, as quais repercutiram mundialmente, contribuindo para o avanço do gênero. É notável a preocupação de ambos ao criar essa narrativa, utilizando sempre todas as técnicas necessárias e empregando temas importantes e polêmicos, que desperta interesse em ler.

Os contos de Borges são contos de uma forte interatividade com a história e com outros livros, em que se apaga a distinção entre ficção e realidade. Há um gosto pelos enigmas, pelo desafio à inteligência do leitor que tem que agir como um detective, sendo que uma interpretação linear nunca é dada de mão beijada.

Machado de Assis é considerado o criador do conto no Brasil. Em seu primeiro livro de contos, *Contos Fluminenses*, Machado de Assis inclui junto aos outros contos, um texto que ele chama de “romance”, *Miss Dollar*, em capítulos. Essa espécie híbrida aparecerá outras vezes. Isso mostra a instabilidade inerente do gênero nessas suas manifestações mais precoces. Entretanto, fato é que a maior parte da produção de contos de Machado segue um formato estrito, que o aproxima mais ao conto moderno. A preocupação reside, na verdade, na defesa desse gênero não consolidado. Ouvimos ecos disso na abertura de *Histórias da Meia-Noite*, de 1873, segundo livro de contos do escritor: “*Não digo com isto que o gênero seja menos digno da atenção dele [do leitor], nem que deixe de exibir predicados de observação e de estilo*” (ASSIS, 2008, p.20), a interlocução se dá a partir de uma expectativa de que o conto não é um gênero provido de qualidades. Talvez seja exatamente essa implicação

indireta na forma do conto, essa infiltração do fantástico nas origens do conto brasileiro o que chama a atenção, mas também vem sendo indicado tantas vezes pelo próprio Machado o traço principal dessa linhagem originária. Quer dizer, pode ser essa influência indireta, mas primordial, do conto fantástico o traço mais fundamental da produção desse primeiro grande contista brasileiro. Isso que não é uma “fortuita reminiscência de leitura” pode estar radicalmente ligado ao estilo original de Machado.

4 Um Pouco de Jorge Luis Borges

Borges



“Não criei personagens. Tudo o que escrevo é autobiográfico. Porém, não expesso minhas emoções diretamente, mas por meio de fábulas e símbolos. Nunca fiz confissões. Mas cada página que escrevi teve origem em minha emoção”

(Jorge Luís Borges)

Jorge Luis Borges nasceu em Buenos Aires no dia 24 de agosto de 1899. Ainda menino decidiu ser escritor e aos oito anos de idade, escreveu seu primeiro conto: *La visera*. Aos nove anos de idade Traduziu, *O Príncipe Feliz*, de Oscar Wilde, que foi publicado no

jornal *El País*, de Buenos Aires. Essa precocidade não deveria espantar, pois mesmo antes de falar espanhol, sua avó paterna lhe havia ensinado a falar inglês, sendo o mesmo alfabetizado em inglês e em espanhol.

Em 1914 viajou com sua família para a Europa e se instalou em Genebra, onde cursou o ensino médio. Em 1919 mudou-se para a Espanha e aí entrou em contato com o movimento Ultraísta, (Ultraísmo é uma vanguarda poética surgida em Madrid em 1918, que tinha como principal objetivo sintetizar todas as tendências da vanguarda mundial com o mesmo desejo de ruptura e desejo de novidade). Depois de participar do movimento vanguardista literário espanhol, Borges (ao retornar à Argentina) em 1921, filiou-se ao movimento modernista.

Em 1923 publicou seu primeiro livro de poemas, *Fervor* de Buenos Aires. Durante aproximadamente sete anos escreveu uma série de ensaios, contos e poesias, mas sua consagração só veio em 1935, depois da publicação de seu primeiro livro de contos, *História Universal da Infância*. O universo fantástico de suas narrativas viria a ser inaugurado mais tarde, a partir do volume *Ficções*, alcançando o ápice em *O Aleph*. Para Borges, esses dois livros eram sua bibliografia. Suas obras refletia a erudição conquistada desde a infância, através da influência da mãe Leonor, da avó paterna e do pai advogado e professor, Jorge Guillermo Borges.

Em 1955 Perdera parcialmente a vista, com o passar dos anos, quando a cegueira se fez completa, a mãe Leonor passou a tomar conta de escritor, lendo para ele e escrevendo o que ditava. Em 1967, Borges casa-se com uma amiga de infância, Elsa Milian, mas o casamento não dura muito. Leonor sua mãe morre em 1975. No entanto, mesmo sem a ajuda da mãe, o escritor ainda consegue publicar alguns livros tentando superar suas enfermidades, ajudado por amigos. Recebeu numerosos prêmios, entre eles o Cervantes em 1980. Sua obra foi traduzida a mais de vinte e cinco idiomas e levada ao cinema e à televisão. Prólogos, antologias, traduções, cursos e conferências testemunham o esmero incansável desse grande escritor, que revolucionou a prosa em castelhano. Em 1986 o escritor morre de câncer no fígado, deixando ao mundo uma extensa lista de obras que até hoje tem grande reconhecimento pelos seus contemporâneos.

4.1 Resumo: A Intrusa

A intrusa é um conto de Jorge Luis Borges, que está entre as onze narrativas de seu livro, *O Informe de Brodie*. O escritor argentino utilizou uma maneira clara e direta, embora não tão simples, não deixando de lado a complexidade que o caracteriza. Segundo Jorge Luis Borges: “*Não há na Terra uma só página, uma só palavra, que o seja, já que todas postulam o universo, cujo atributo maior é a complexidade*”.

O autor mistura o realismo e o realismo o fantástico. O primeiro ele emprega de maneira inovadora de acordo com as necessidades do texto dando a ideia do meio físico em que vivemos e suas exigências, empregando casos veristas o que dar mais ênfase ao texto. O segundo é empregado para apimentar o conto dando mais atenção ao interior do indivíduo focando em suas emoções, o que justifica o comportamento dos personagens que por diversas vezes agem de forma irracional, além de o fantástico ser sua característica principal, a qual ele não conseguiu fugir. Dessa maneira o escritor uniu o útil ao agradável e nos presenteia com mais uma obra encantadora.

O conto inicia no velório de Cristiano o mais velho dos Nielsen que morreu de morte natural e, onde acontece o relato dos fatos ocorridos em sua mocidade e do seu irmão mais novo Eduardo.

Os Nilsen eram dois irmãos solitários que carregavam consigo uma grande bagagem de mistério, ninguém em Turdera conhecia seus parentes, não tinham amizades, além disso, todo o bairro temia Os Vermelhos, chamados dessa forma por terem os cabelos avermelhados, também eram conhecidos como: forasteiros, briguentos e ladrões. Com relação às paixões os irmãos até então tinham apenas algumas aventuras sem importância, mas um dia Cristiano decidiu levar Juliana Burgos para viver com ele.

Eduardo o mais jovem ainda se relacionou com outra mulher, chegando até a levá-la para morar consigo, mas não durou muito tempo para que a mandasse embora. O comportamento de Eduardo mudou após a chegada de Juliana, “*Tornou-se mais carrancudo, embriagava-se sozinho no armazém e não se dava com ninguém*” (BORGES, 1976, p.12). Essa mudança de atitudes em seu comportamento se deu devido à paixão reprimida que crescia a todo instante, mas esse sentimento era considerado como uma ameaça para o compadrio dos dois. Cristiano, sem perceber passou a mulher para os braços do irmão, e dessa forma os irmãos passaram a dividir a mesma mulher. “*Vou para uma festa na casa de farias. Ai tens Juliana, se quiseres usa-a*”(BORGES,1976 p.12), a partir desse momento Eduardo passou a procurar a moça sempre, de início tudo ocorreu muito bem, mas não durou muito

tempo para que os irmãos não se confortassem mais com situação, sem perceber os dois estavam com ciúmes um do outro, mas o orgulho falava mais alto, pois eles não queriam aceitar que o ciúme os incomodava, não queria aceitar que essa paixão ia além do desejo e da posse, pois isso pra eles era motivo de humilhação. *“A mulher atendia aos dois com uma submissão animal; mas não podia esconder a preferência pelo mais moço”* (Borges, 1976, p.13). Foi quando então os Irmãos conversaram e chegaram a um acordo de levar a moça para um bordel em Morón, e, então, venderam Juliana, voltaram para casa em Turdera, tentaram retomar a vida sem a morena, mas depois de certo tempo começaram a procurá-la em segredo, o que resultou na volta de Juliana Burgos para a casa dos Nilsen. Continuaram na mesma vida de antes, dividindo a mesma mulher, mas isso ainda os incomodava muito, os dois passaram a fazer trapaças entre si, mas apesar de tudo o amor entre eles era grande, e por esse laço forte de amizade existente entre os irmãos é que Cristiano decide livrar-se do problema, eliminando de vez aquela que para eles era o motivo da discórdia. Cristiano mata Juliana, acreditando que agora a paz voltaria a reinar entre eles, pois o motivo das desavenças acabaria. *“Abraçaram-se, quase chorando. Agora, estavam ligados por outro laço: a mulher tristemente sacrificada e a obrigação de esquecê-la”*. (Borges, 1976, p. 16).

5 Um Pouco de Machado de Assis



Machado de Assis tornou-se um dos grandes ícones da literatura nacional.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 21 de Junho de 1839, filho de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina Machado de Assis.

Machado teve uma infância muito sofrida, morava em um casebre humilde num morro carioca, ainda criança perdeu sua mãe, seu pai casa-se novamente com uma mulata carioca que se afeiçoa a ele e assume o papel materno educando e alfabetizando o humilde menino. Na infância, estudou numa escola pública durante o primário e aprendeu francês e latim. Trabalhou como aprendiz de tipógrafo, foi revisor e funcionário público. Superou todas as dificuldades da época e tornou-se um grande escritor. Publicou seu primeiro poema “Ela” e, em 1856, já era empregado da Imprensa Nacional.

Machado tinha um grande Hábito de ler livros, “*não que fosse um funcionário tão exemplar assim, pois, sempre que podia mergulhava na leitura dos livros, deixando de parte o trabalho*” (CAMPEDELLI, 1995, p. 9), mas foi esse hábito que o levou a conhecer Manuel Antonio de Almeida, diretor da Imprensa Nacional, escritor e autor do livro *Memórias de um Sargento de Milícias*, que muito o ajudaria no futuro.

Em 1869, Machado casa-se com Carolina Xavier de Novais, irmã de Xavier de Novaes, poeta e amigo de Machado. O casamento durou trinta e cinco anos de intenso amor até a morte de Carolina, em 1904. O Poeta expressa sua dor em algumas de suas obras como em um soneto, o qual ele intitula com o nome da esposa, chamado *A Carolina*, que foi a abertura do volume de contos *Relíquias de casa velha*, o qual também é dedicado a sua eterna amada.

Machado de Assis desempenhou funções como revisor, caixeiro e funcionário público, frequentou grupos de intelectuais que se dedicavam às artes, foi nomeado presidente da Academia Brasileira de Letras, na qual ocupou a cadeira cujo patrono foi José de Alencar, desempenhou papel importantíssimo na literatura brasileira com um estilo direto que se direcionava a leitores exigentes e de personalidade que “*Escritor acima de tudo, Machado de Assis foi um cidadão que oscilou entre a burocracia, que lhe marcou a trajetória no funcionalismo público, e a literatura que, certamente o encantava e incentivava.* (CAMPEDELLI, 1995 p. 11).

Podemos dividir as obras de Machado de Assis em duas fases:

1-) A Fase romântica é a primeira, aqui os personagens de suas obras possuem características românticas, sendo o amor e os relacionamentos amorosos os principais temas de seus livros. Desta fase podemos destacar as seguintes obras: *Ressurreição* (1872), seu primeiro livro, *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878).

2-) Já em Segunda Fase conhecida como - fase realista, Machado de Assis abre espaços para as questões psicológicas dos personagens. É a fase em que o autor retrata muito bem as características do realismo literário. Machado de Assis faz uma análise profunda e realista do ser humano, destacando suas vontades, necessidades, defeitos e qualidades. Nesta fase, destaca-se as seguintes obras: *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1892), *Dom Casmurro* (1900) e *Memorial de Aires* (1908).

Machado de Assis, também, escreveu coletâneas de contos tais como: *Missa do Galo*, *O Espelho* e *O Alienista*. Escreveu diversos poemas, crônicas sobre o cotidiano, peças de teatro, críticas literárias e teatrais. Em 1908, morre Machado de Assis aos sessenta e nove anos de idade. Foi velado na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

5.1 Resumo de A cartomante

A *Cartomante* é um conto do escritor brasileiro Machado de Assis que foi publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro em 1884 e posteriormente foi incluído no livro, *Várias Histórias*. Este livro é uma coletânea que teve sua publicação em 1896, a qual reúne dezesseis contos sendo considerada uma das suas melhores obras no gênero. Oito das histórias publicadas tornaram-se clássicas e apareceram com muita frequência em jornais. *A Cartomante*, também, é característica para Machado, porque marca a segunda fase do escritor que abandona o romantismo e inova entrando no realismo. As características principais desse conto é a introspecção, pelo humor e pelo pessimismo com relação à essência do homem e seu relacionamento com o mundo.

A história começa com uma menção a *Hamlet*, de William Shakespeare, com a seguinte frase, “*Há mais coisa no céu e na terra do que sonha nossa filosofia*” e esta mesma frase é dita em seguida pela personagem Rita, em uma conversa que tinha com Camilo seu amante, após uma visita a uma cartomante.

A narrativa tem como tema central um triângulo amoroso que envolve dois amigos de infância apaixonados pela mesma mulher, Rita. Tudo começa quando Vilela volta da província, onde tinha se casado com Rita, “Uma dama formosa e tonta”, Vilela seu esposo tinha abandonado o magistério e decidiu abrir uma banca de advogado, Camilo seu amigo,

arrumou uma casa para o casal morar. Camilo ao ver Rita pela primeira vez se encanta, como é narrado de acordo com o texto, “*Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Era realmente graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa*” (ASSIS, 2002, p. 3).

A partir deste encontro eles passam a ser grandes amigos e, sempre, estão juntos, logo depois a mãe de Camilo morre o que aumenta sua intimidade com Rita que estava sempre presente dando apoio e cuidando, exclusivamente, do seu coração, seu esposo, no entanto cuidou do velório, sem imaginar o que estava por vim. Sem perceber os dois foram se apaixonando. Ele ainda tentou fugir desse sentimento, mas já era tarde, pois já estava amando a mulher do melhor amigo, “*Rita como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num empasmo, e pingou-lhe o veneno na boca*” (ASSIS, 2002, p.4), ele ficou atordoado e sentia várias sensações entre elas o medo, o remorso e sustos, mas tudo isso era superado pelo desejo que sentia por ela, Vilela até então de nada desconfiava e sua estima pelo amigo permanecia a mesma”.

O tempo passou e o amante começou a receber cartas anônimas, o que o deixou preocupado, resolveu então diminuir as ocasiões de visitas na casa do casal, o marido por sua vez, passou a questionar o motivo das ausências, Camilo dar uma justificativa, dizendo que se tratava de um namoro que tinha arrumado, em seguida muito desconfiado encerrou de vez as visitas. A situação arriscada leva a jovem, que dotada de espírito ingênuo, decide consultar com uma cartomante, que lhe prevê toda a sorte de alegrias e bem-aventuranças.

Os dois, em especial, Camilo muito preocupado com os bilhetes anônimos que recebia, tomou a decisão de se afastar por um tempo da amada, pois temia que Vilela soubesse de algum boato, assim o narrador nos descreve, “*Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.*” (ASSIS, 2002, p.5-6).

No dia seguinte, enquanto estava no trabalho Camilo recebeu um bilhete de Vilela, o qual convidava o amigo para ir até a sua residência, pois queria falar sobre algo, o que é notado nessa passagem, “*Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora.*” ASSIS, 2002, p. 6), este se sentiu ameaçado, desconfiava da atitude do amigo de lhe convocar àquela hora em sua casa. A cada momento o nervoso aumentava, estava indeciso se realmente deveria ir ou não, mas queria acreditar que tudo não passava de uma preocupação sem importância, em meio a essa dúvida que permeava em sua mente o jovem Camilo decidiu então ir até a casa do amigo conforme ele o chamava no bilhete, com o pensamento de livrar-

se de vez daquele tormento, porém antes resolveu passar na casa onde sempre encontrava a amada com o intuito de encontrar alguma pista do motivo da convocação, acreditava que Rita poderia ter deixado alguma informação, no entanto tudo foi em vão, pois lá não havia nada nem ninguém, o pobre homem seguiu nervoso até a casa do amigo, parte de imediato, mas seu tálburi fica preso no tráfego por causa de um acidente. Nota uma estranha coincidência: está parado justamente ao lado da casa da cartomante. Depois de um intenso conflito interior, decide consultá-la. Seu veredicto é dos mais animadores, prometendo felicidade no relacionamento e um futuro maravilhoso, o que é visto nessa passagem que o narrador faz, *“Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo”* (ASSIS, 2002, p. 9), mesmo assim orientou de que era preciso cuidado e cautela, pois ferviam de invejas e despeito. Aliviado, assim como o tráfego, parte para a casa de Vilela, Camilo seguiu feliz e tranquilo rumo à casa do amigo, assim que foi recebido, pôde ver, pela porta que lhe é aberta, além do rosto desfigurado de raiva de Vilela, o corpo de Rita sobre o sofá. Seria, portanto, a próxima vítima do marido.

6 Um breve relato da violência contra as mulheres nos contos

Através de uma análise sobre a figura feminina nos contos estudados, nota-se que os autores buscam enfatizar a violência psicológicas e físicas sofrida pelas personagens, o que é perceptível pelo comportamento dos homens, dentro das obras. Seguindo essa mesma linha de pensamento, Gomes (2011, p.383) afirma que, *“Tanto em romance como em contos, essa violência é retomada de forma crítica ao denunciar o absurdo por trás da opressão feminina”*. Essa questão é bem enfatizada dentro das narrativas, quando nos mostra a maneira de agir de um homem que se sente revoltado, quando perde o poder de controlar tal mulher, e quando a mesma o provoca demonstrando-se independentes.

No conto borginiano, Juliana é tratada como uma escrava, cuidando da casa e tratando de atender os desejos dos irmãos, que ora usam, ora vendem e por fim é realizada a pior de todas as violências praticadas, tiram-lhe a vida. Embora tendo o poder de despertar paixão nos irmãos, a jovem foi sempre submissa. Observa-se o controle feminino que os homens possuem, o que pode ser entendido como resultado de uma sociedade patriarcal que condiciona esse poder do homem sobre a mulher.

Pode-se entender a violência no conto machadiano como uma denúncia o que é característico no realismo. A punição de Rita se dar pela opção de escolha que ela procura, que é viver um amor com outra pessoa, termina sendo condenada por se mostrar uma mulher independente, o que desperta ira em Vilela, resultando em um desejo de vingança que culmina na morte de sua parceira. Nessa concepção Carlos nos diz:

Sociologicamente, podemos identificar, nessa representação, a violência como uma resposta masculina à capacidade de liberdade que toda mulher tem. Seguindo essas pegadas, podemos dizer também que a violência contra a mulher nasce desse fascismo disfarçado de amor próprio. (GOMES, 2011, p.387).

Dentro desse contexto é explícito como as mulheres são alvo das monstruosidades cometidas pelos seus parceiros, que não se limitam em praticar violências para se impor em seu papel de homens dominantes, restringindo as mulheres apenas a papéis de submissas, tirando o livre arbítrio de escolher e de serem livres. Gomes (2011, p. 389) nos fala que, *“De forma implícita ou explícita, a violência contra mulher é um construto social passado de geração para geração como uma forma de manutenção da dominação masculina”*, entende-se dessa forma que a mulher desde sempre foi vista como submissa as vontades dos parceiros, sem direitos, apenas com deveres de cumprir com o seu papel de boa esposa, fazendo todas as vontades que satisfazem o homem. Nessa concepção Gomes (2011, p. 389) assinala que, *“Assim as regras que estão por trás dessa representação de dominante e dominado também são, de uma forma ou de outra, repetidas pela família, igreja, escola, pois sugerem que a submissão feminina é uma construção cultural padronizada”*. A sociedade era responsável de forma direta por essa dominação masculina, muitas vezes a própria mulher se permite a papel de dominada, seguindo até uma herança que herdada pelos pais, mas no século XIX essa concepção começa a ser vista de outra maneira, tendo como influência a literatura e o pensamento iluminista, e a partir daí cresce cada vez mais o espírito de liberdade e independência da mulher.

7 Quadro comparativo das duas obras

Este quadro tem como objetivo informar o leitor os aspectos de semelhanças encontrado nos contos, o que é feito através de uma análise que verifica aspectos de aproximação entre as duas obras, machadiana e borgiana, de acordo com essa concepção Carvalho (1986. p.7) nos diz “No entanto, quando a comparação é empregada como recurso preferencial no estudo crítico, convertendo-se na operação fundamental da análise, ela passa a tomar ares de método e começamos a pensar que tal investigação é um estudo comparado.”

Obra	“A Intrusa” de Jorge Luis Borges	“A Cartomante” de Machado de Assis
Resenha	O Triângulo é o tema central desta narrativa. Usando um enredo claro, com ritmo ágil, a narrativa gira em torno de três personagens principais, os quais se envolvem em uma paixão entre si o que resulta em o triângulo amoroso.	A obra também aborda a questão do <i>triângulo</i> . O conto narra a história de dois amigos, sendo um casado e outro solteiro, o segundo se apaixona pela mulher do amigo e tenta fugir desse sentimento, o que não é fácil, e mesmo sem querer se entrega a essa paixão ocasionando um triângulo.
Gênero literário	Conto	Conto
Personagens principais	Camilo, Vilela e Rita.	Eduardo, Cristiano e Juliana.
Citações importantes	Caim, personagem bíblico.	Hamlet, peça teatral dirigida por William Shakespeare.
Principais características dos contos	Clara e direta, embora não tão simples, não deixando de lado a complexidade.	A introspecção, pelo humor e pelo pessimismo com relação à essência do homem e seu relacionamento com o mundo.
Correntes Literárias	Realismo Fantástico	Realismo
Intenção dos	Chamar atenção da sociedade	Como forma de inauguração do

autores	burguesa sobre a posição de inferioridade da mulher em relação ao homem.	realismo, Machado denuncia o poder dos homens sobre as mulheres, o que é permitido pela sociedade.
Desfecho das obras	O fim é trágico, onde Cristiano o irmão mais velho decide matar a mulher.	O fim também é trágico, culminando a morte de mulher e seu amante.

8 Considerações Finais

Enfim, nosso trabalho teve como objetivo central uma análise comparativa, abordando aspectos de semelhanças presentes nos conto machadiano e borginiano, mas é bem verdade que as obras também apresentam variações, como já foi mencionada a questão do número de vítimas diferentes em cada obra, o grau de parentesco dos personagens, já que em a Intrusa Cristiano e Eduardo são irmãos se diferenciando de Vilela e Camila que são amigos, o que de certa forma ocasiona para um número de vítimas serem menor no conto de Borges. Diante de tais fatos mencionados observa-se que embora haja essas variações o número de semelhanças se destaca sendo superiores e mais enfatizados.

A Comparação foi realizada através de um estudo sobre a literatura comparada, a qual também é mencionada no texto, informando ao leitor aspectos sobre a ferramenta utilizada em nosso artigo.

O aspecto enfatizado no texto é a traição que é ocasionada pelo triângulo amoroso que envolve os personagens Cristiano, Eduardo e Juliana em, A Intrusa e Vilela, Camilo e Rita, em A Cartomante, sendo assim esse caso de amor é o ponto central dessas narrativas, o que consideramos como o causado dos conflitos existentes nas obras. Além desse aspecto que demonstra aproximação dos fatos nas narrativas, observamos ao longo do trabalho outros tantos que se assemelham como a figura feminina, a intenção dos autores, a época em que os contos foram apresentados, a questão da crença e o fim trágico que se deu nos contos. Esses

aspectos apresentados foram relevantes para se usar a comparação como ferramenta preferencial, sendo assim podemos dizer que ela foi escolhida por conveniência apresentada nos fatos.

RESUMEN

Nuestro artículo tiene como base comparativa dos cuentos *A Intrusa*, de Jorge Luis Borges y *A Cartomante*, de Machado de Assis, los cuales la historia es desarrollada en torno de tres personajes que se articulan en cada cuento, y siendo como tema principal un triángulo amoroso, además de a presentar semblanza entre sí, por lo tanto, este artículo tiene como objetivo hacer una análisis comparativa, visto que los cuentos son presentados a la sociedad en vuelta de las décadas 70 y 80, y a pesar de no se tratar de temas nuevos en el campo de la literatura, aún causan impactos fuertes en los lectores, pues las mujeres son presentadas en la sociedad patriarcal con diferencias y actitudes que los autores timentan criticar o ironizar con temas tabús. Para tanto, nuestra fundamentación teórica se basa en Carvalhal (1986), Capendelli (1995), Cortazar (1974) y Gomes (2011). La análisis nos mostró que la traición que es ocasionada por el triángulo amoroso que envolvió los personajes Cristiano, Eduardo y Juliana en *A Intrusa* y Vilela, Camilo y Rita, en *A Cartomante*, siendo así ese caso de amor es el punto central de esas narrativas, lo que consideramos como el causado de los conflictos existentes en las obras.

Palabras-clave: Cuentos; comparación; triángulo; mujer; amor.

9 Referências Bibliográficas

ASSIS, Machado de. *A Cartomante*: In: **Os melhor contos de Machado de Assis** seleção Domicia Proença Filho. São Paulo: Global, 2002, p. 175- 182.

ASSIS, Machado de. *Obras Completas*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 15/11/2011.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. *Machado de Assis*. São Paulo: Scipione, 1995.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. São Paulo, Ática, 1986.

CORTÁZAR, Julio. “Alguns aspectos do conto”. In *Valise de cronópio*. Trad.

Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1974.

O Informe de Brodie; ensaio introdutório de Regina L. Zilberman e Maria da Glória Bordini, tradução de Hermilo Borba Filho. Porto Alegre, Globo, 1976.

Anexo

A Cartomante

Machado de Assis

Hamlet observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de Novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! Interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

— Tu crês deveras nessas coisas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muito cousa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranqüila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se, Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento; limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura, e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranhou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranhou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo.

— É o senhor? exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. Não imagina como meu marido é seu amigo; falava sempre do senhor.

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis. Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição.

Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela; era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. *Odor di femina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe as damas e o xadrez e jogavam às noites; — ela mal, — ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas. Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente, e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração; não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que

pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo. Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam.

Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura; mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e pérfido, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor-próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a alevisia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento: — a virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

— Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com a das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guardo-a e rasgo-a...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

— Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora, — repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando na pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a idéia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo. Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a idéia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas; ou então, — o que era ainda pior, — eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela. "Vem já, já à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas, assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já, para quê? Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a idéa, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do largo da Carioca, para entrar num tálburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

— Quanto antes, melhor, pensou ele; não posso estar assim...

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da rua da Guarda Velha, o tálburi teve de parar; a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejudas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar a primeira travessa, e ir por outro caminho; ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a idéia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvair-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

— Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas; mas a voz do marido sussurrava-lhe às orelhas as palavras da carta: "Vem já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia. A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar... Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários; e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se...?

Deu por si na calçada, ao pé da porta; disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não viu nem sentiu nada. Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve idéia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante. Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para os telhados do fundo. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

— Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

— E quer saber, continuou ela, se lhe acontecerá alguma coisa ou não...

— A mim e a ela, explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu; disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez as cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços, uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela, curioso e ansioso.

— As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável mais cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

— A senhora restituiu-me a paz ao espírito, disse ele estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

— Vá, disse ela; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

— Passas custam dinheiro, disse ele afinal, tirando a carteira. Quantas quer mandar buscar?

— Pergunte ao seu coração, respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

— Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá tranqüilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando, com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tálburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

— Vamos, vamos depressa, repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer cousa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: — Vá, vá, ragazzo innamorato; e no fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

— Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: — ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

Jorge Luis Borges (1899–1986)

LA INTRUSA (*El informe de Brodie*, 1970) 2 REYES, I, 26.

DICEN (LO CUAL es improbable) que la historia fue referida por Eduardo, el menor de los Nelson, en el velorio de Cristian, el mayor, que falleció de muerte natural, hacia mil ochocientos noventa y tantos, en el partido de Moran. Lo cierto es que alguien la oyó de alguien, en el decurso de esa larga noche perdida, entre mate y mate, y la repitió a Santiago Dabove, por quien la supe. Años después, volvieron a contármela en Turdera, donde había acontecido. La segunda versión, algo mas prolija, confirmaba en suma la de Santiago, con las pequeñas variaciones y divergencias que son del caso. La escribo ahora porque en ella se cifra, si no me engaño, un breve y trágico cristal de la índole de los orilleros antiguos. Lo haré con probidad, pero ya preveo que cederé a la tentación literaria de acentuar o agregar algún pormenor.

En Turdera los llamaban los Nilsen. El párroco me dijo que su predecesor recordaba, no sin sorpresa, haber visto en la casa de esa gente una gastada Biblia de tapas negras, con caracteres góticos; en las últimas páginas entrevió nombres y fechas manuscritas. Era el único libro que había en la casa. La azarosa crónica de los Nilsen, perdida como todo se perderá. El caserón, que ya no existe, era de ladrillo sin revocar; desde el zaguán se divisaban un patio de baldosa colorada y otro de tierra. Pocos, por lo demás, entraron ahí; los Nilsen defendían su soledad. En las habitaciones desmanteladas durmieron en catres; sus lujos eran el caballo, el apero, la daga de hoja corta, el atuendo rumboso de los sábados y el alcohol pendenciero. Sé que eran altos, de melena rojiza. Dinamarca o Irlanda, de las que nunca oirían hablar, andaban por la sangre de esos dos criollos. El barrio los temía a los Colorados; no es imposible que debieran alguna muerte. Hombre a hombre pelearon una vez a la policía. Se dice que el menor tuvo un altercado con Juan Iberra, en el que no llevó la peor parte, lo cual, según los entendidos, es mucho. Fueron troperos, cuarteadores, cuatrerros y alguna vez tahúres. Tenían fama de avaros, salvo cuando la bebida y el juego los volvían generosos. De sus deudos nada se sabe ni de dónde vinieron. Eran dueños de una carreta y una yunta de bueyes.

Físicamente diferían del compadraje que dio su apodo forajido a la Costa Brava. Esto, y lo que ignoramos, ayuda a comprender lo unidos que fueron. Mal quistarse con uno era contar con dos enemigos.

Los Nilsen eran calaveras, pero sus episodios amorosos habían sido hasta entonces de zaguán o de casa mala. No faltaron, pues, comentarios cuando Cristian llevó a vivir con Juliana Burgos. Es verdad que ganaba así una sirvienta, pero no es menos cierto que

la colmó de horrendas baratijas y que la lucia en las fiestas. En las pobres fiestas de conventillo, donde la quebrada y el corte estaban prohibidos y donde se bailaba, todavía, con mucha luz. Juliana era de tez morena y de ojos rasgados, bastaba que alguien la mirara para que se sonriera. En un barrio modesto, donde el trabajo y el descuido gastan a las mujeres, no era mal parecida.

Eduardo los acompañaba al principio. Después emprendió un viaje a Arrecifes por no sé que negocio; a su vuelta llevó a la casa una muchacha, que había levantado por el camino, y a los pocos días la echó. Se hizo más hosco; se emborrachaba solo en el almacén y no se daba con nadie. Estaba enamorado de la mujer de Cristian. El barrio, que tal vez lo supo antes que él, previó con alevosa alegría la rivalidad latente de los hermanos.

Una noche, al volver tarde de la esquina, Eduardo vio el oscuro de Cristian atado al palenque. En el patio, el mayor estaba esperándolo con sus mejores pilchas. La mujer iba y venia con el mate en la mano. Cristian le dijo a Eduardo:

—Yo me voy a una farra en lo de Farias. Ahí la tenes a la Juliana; si la queres, úsala.

El tono era entre mandón y cordial. Eduardo se quedó un tiempo mirándolo; no sabía qué hacer, Cristian se levantó, se despidió de Eduardo, no de Juliana, que era una cosa, montó a caballo y se fue al trote, sin apuro.

Desde aquella noche la compartieron. Nadie sabrá los pormenores de esa sórdida unión, que ultrajaba las decencias del arrabal. El arreglo anduvo bien por unas semanas, pero no podía durar. Entre ellos, los hermanos no pronunciaban el nombre de Juliana, ni siquiera para llamarla, pero buscaban, y encontraban, razones para no estar de acuerdo. Discutían la venta de unos cueros, pero lo que discutían era otra cosa. Cristian solía alzar la voz y Eduardo callaba. Sin saberlo, estaban celándose. En el duro suburbio, un hombre no decía, ni se decía, que una mujer pudiera importarle, mas allá del deseo y la posesión, pero los dos estaban enamorados. Esto, de algún modo, los humillaba.

Una tarde, en la plaza de Lomas, Eduardo se cruzó con Juan Iberra, que lo felicitó por ese primor que se había agenciado. Fue entonces, creo, que Eduardo lo injirió. Nadie, delante de él, iba a hacer burla de Cristian.

La mujer atendía a los dos con sumisión bestial; pero no podía ocultar alguna preferencia por el menor, que no había rechazado la participación, pero que no la había dispuesto.

Un día, le mandaron a la Juliana que sacara dos sillas al primer patio y que no apareciera por ahí, porque tenían que hablar. Ella esperaba un dialogo largo y se acostó a dormir la siesta, pero al rato la recordaron. Le hicieron llenar una bolsa con todo lo que tenia, sin olvidar el rosario de vidrio y la crucecita que le había dejado su madre. Sin explicarle nada la subieron a la carreta y emprendieron un silencioso y tedioso viaje.

Había llovido; los caminos estaban muy pesados y serian las cinco de la mañana cuando llegaron a Morón. Ahí la vendieron a la patrona del prostíbulo. El trato ya estaba hecho; Cristian cobró la suma y la dividió después con el otro.

En Turdera, los Nilsen, perdidos hasta entonces en la maraña (que también era una rutina) de aquel monstruoso amor, quisieron reanudar su antigua vida de hombres entre hombres. Volvieron a las trucadas, al reñidero, a las juergas casuales. Acaso, alguna vez, se creyeron salvados, pero solían incurrir, cada cual por su lado, en injustificadas o harto justificadas ausencias. Poco antes de fin de año el menor dijo que tenía que hacer en la Capital. Cristian se fue a Moron; en el palenque de la casa que sabemos reconoció al overo de Eduardo. Entró; adentro estaba el otro, esperando turno. Parece que Cristian le dijo:

—De seguir así, los vamos a cansar a los pingos. Más vale que la tengamos a mano.

Habló con la patrona, sacó unas monedas del tirador y se la llevaron. La Juliana iba con Cristian; Eduardo espoleó al overo para no verlos.

Volvieron a lo que ya se ha dicho. La infame solución había fracasado; los dos habían cedido a la tentación de hacer trampa. Caín andaba por ahí, pero el cariño entre los Nilsen era muy grande —¡quién sabe que rigores y qué peligros habían compartido!— y prefirieron desahogar su exasperación con ajenos. Con un desconocido, con los perros, con la Juliana, que había traído la discordia.

El mes de marzo estaba por concluir y el calor no cejaba. Un domingo (los domingos la gente suele recogerse temprano) Eduardo, que volvía del almacén, vio que Cristian uncía los bueyes. Cristian le dijo:

—Veni; tenemos que dejar unos cueros en lo del Pardo; ya los cargue, aprovechemos la fresca.

El comercio del Pardo quedaba, creo, más al Sur; tomaron por el Camino de las Tropas; después, por un desvío. El campo iba agrandándose con la noche.

Orillaron un pajonal; Cristian tiró el cigarro que había encendido y dijo sin apuro:

—A trabajar, hermano. Después nos ayudaran los caranchos. Hoy la maté. Que se quede aquí con sus pilchas. Ya no hará más perjuicios.

Se abrazaron, casi llorando. Ahora los ataba otro vinculo: la mujer tristemente sacrificada y la obligación de olvidarla.